

## “Sentindo-se conectado”: a prática da natureza, da nação e da classe através da trilha litorânea<sup>1</sup>

Tradução de Aécio Amaral<sup>2</sup>

Leila Dawney<sup>3</sup>

**Resumo:** O artigo discute algumas práticas corporificadas empreendidas por um número crescente de pessoas nas Ilhas Britânicas que articulam um desejo por reconexão com a paisagem e o mundo naturais. Argumentamos que sentimentos de conectividade a um lugar emergem através destas práticas que, em conjunção com textos e outras formas discursivas, constituem uma “paisagem conectiva imaginária”. Um enfoque sobre práticas como produtoras de paisagens imaginárias particulares enseja uma consideração sobre como esses imaginários atuam sobre corpos e adquirem forma material, produzindo certos tipos de envolvimento e obstruindo outros, formando conexões e disjunções entre corpos e oferecendo experiências sentidas de diversas maneiras por diferentes sujeitos. Paisagens imaginárias são então reconfiguradas em termos de relações materiais e afetivas entre corpos e lugares, referindo-se à maneira como a ideia de um lugar é produzida por meio de uma combinação de textos, práticas, memórias e ideias recebidas. Essas ideias são processadas pelo corpo, através do que chamamos “imaginação corporificada”.

**Palavras-chave:** Paisagem imaginária. Imaginação corporificada. Afeto. Experiência e materialidade.

---

<sup>1</sup> Versão original: “Feeling connected”. Practising nature, nation and class through coastal walking”, In: Gilchrist, P., Carter, T. and Burdsey, D. (eds.), Coastal Cultures: Liminality and Leisure. Leisure Studies Association, Eastbourne-UK, 2014.

<sup>2</sup> Professor de sociologia no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba (Campus João Pessoa) e é membro do GETS - Grupo de Estudos em Estética, Técnica e Sociedade; do grupo de pesquisa Materialismos e do coletivo de pesquisa ARN - Authority Research Network.

<sup>3</sup> Senior Lecturer na Universidade de Brighton, Inglaterra. Atua na área de Geografia Política e Geografia Cultural, com interesses de pesquisa em geografias do afeto e práticas corporificadas; paisagem, experiência e subjetividade. É membro da ARN - Authority Research Network,

**Abstract:** The article discusses some embodied practices undertaken by increasing numbers of people in the British Isles that articulate a desire for reconnection with the landscape and with the natural world. It argues that feelings of connectedness to place emerge through these practices, which, in conjunction with texts and other discursive forms, constitute a ‘connective landscape imaginary’. A focus on practices as productive of particular landscape imaginaries enables a consideration of how these imaginaries play out through bodies and take material form, producing certain kinds of engagements and precluding others, forming connections and disjunctures between bodies, and offering experiences variously felt by different subjects. Landscape imaginaries are then reconfigured in terms of material and affective relations between bodies and places, referring to the way in which the idea of a place is produced through a combination of texts, practices, memories and received ideas. These ideas are processed through the body, through what I call the ‘embodied imagination’.

**Keywords:** Imaginary landscape. Embodied imagination. Affect. Experience and materiality

## Introdução

Mais ou menos desde a última década [...] um desejo pelo que poderia ser denominado ‘reconexão’ emergiu, um anseio de recobrar o senso de como é o cheiro, o sabor e o som do mundo natural. Mais e mais pessoas estão se voltando às florestas, montanhas e águas da Grã-Bretanha e da Irlanda. Cada vez mais pessoas concordariam com Gary Snyder (silvicultor, poeta, ferramenteiro, budista) quando ele escreve: ‘Esse é o modo de ver o mundo, em nossos próprios corpos’.  
(MACFARLANE, 2008, p. 8)

Este artigo discute algumas das práticas corporificadas empreendidas por um número crescente de pessoas nas Ilhas Britânicas - práticas que Robert Macfarlane (2008), em sua introdução a *Wild Swim*, considera como articulando um desejo por reconexão com a paisagem e o mundo naturais. Argumenta-se que sentimentos de conectividade a um lugar, tais como aqueles descritos na citação acima e nos exemplos que serão discutidos abaixo, emergem através de práticas que, em conjunção com textos e outras formas discursivas, constituem o que chamamos de uma “paisagem conectiva imaginária”. Culturas de lazer litorânea com frequência envolvem práticas - coisas que as pessoas fazem para se sentirem conectadas a, ou parte da natureza - como nadar no mar, surfar, contemplar pássaros, caminhar pela costa, acampamento e pescaria. A proliferação recente de publicações e programas populares de TV também tem contribuído para o desenvolvimento de novas práticas paisagísticas<sup>4</sup>. A participação nestas práticas mobiliza e conduz à feitura e experiência de paisagens conectivas imaginárias, e, além disso, contribui para um modo específico de ser e sentir-se conectado que reforça a produção de ideias de natureza e nação. Isto é aqui discutido com referência a um grupo que faz trilhas pelo Undercliff, em Dorset, Sudoeste da Inglaterra, e como parte de uma etnografia da Costa Sudoeste inglesa (ver DAWNEY, 2011a; 2011b). Essa etnografia incluiu pesquisa sobre a história da área documentada em livros e arquivos, filmes, manuais e guias e planejamento de rotas. Também incluiu trilhas e acampamentos em que estivemos sozinhos

<sup>4</sup> Por exemplo, a série *Coast* da BBC e sua franchising, a série *River Cottage* do Channel 4, vários livros e programas sobre “natação selvagem”, trilhas, a “nova escrita da natureza” de autores como Robert Macfarlane, guias sobre os “lugares selvagens da Grã-Bretanha” como os de Christopher Somerville, a série de livros sobre “acampamento bacana” e o sucesso de personalidades como Ray Mears.

ou com outras pessoas, mergulhos no mar, e participação em passeios guiados e retiros de escrita acadêmica.

No exemplo aqui discutido, seis participantes (um grupo de amigos e um cachorro) caminharam entre Branscombe e Beer, ao longo do trecho conhecido como “Undercliff”, bastante conhecido por sua vista e pela vegetação subtropical. Nós caminhamos, conversamos e catamos a comida silvestre que cresce pelo caminho. Essas práticas, ainda que pouco notáveis, foram importantes em termos do modo pelo qual o grupo interagiu com a paisagem, e como esta interação esteve envolvida na produção da identidade sentida através de várias associações textuais e outras que a posicionam [a paisagem] em termos de uma articulação específica de natureza e nação. Neste artigo, baseio-me neste exemplo para apresentar uma abordagem materialista da política cultural de paisagens imaginárias, atentando às práticas corporificadas envolvidas em sua produção. Assim, argumentamos contra entendimentos dominantes, discursivos de geografias e lugares imaginários, adotando, ao invés, uma abordagem mais corporificada para a imaginação, a qual demonstra como tais práticas participam experiencial e afetivamente na produção de ideias de natureza e nação.

### **Paisagens imaginárias**

Na geografia cultural e na teoria literária, o termo “geografias imaginativas” com frequência se refere a como lugares, espaços e pessoas são representados através de imagens e textos. O termo, originalmente concebido por Edward Said em *Orientalismo* (1978), tem sido utilizado por geógrafos para apontar para a relação entre representação e poder, na qual entendimentos discursivos dominantes de lugares e pessoas são produtores de relações de dominação material, e para processos de produção do Outro e de relações de poder excludentes (GREGORY, 1995a; GREGORY, 1996; SCHWARTZ, 1996; VALVERDE, 1998; KITCHIN & KNEALE, 2001; TAVARES & BROSSEAU, 2006; RIDANPÄÄ, 2007). Estas abordagens têm em comum a adoção de uma perspectiva geral foucaultiana, na qual a representação discursiva é considerada em termos da produção de sujeitos (FOUCAULT, 1979; 1982; 1984) e a dominação é mantida através de um processo de produção e controle do conhecimento do outro. Em parte por causa dessa herança, a perspectiva das geografias imaginativas tem se mantido

frequentemente distante da materialidade da experiência e da prática. Análises de geografias imaginativas tendem a focar em representações textuais de lugares, e o papel dessas representações na produção de subjetividades e/ou identidades (ver, por exemplo, MATLESS, 1998). A perspectiva advogada aqui se move, ao invés, rumo a uma análise das relações *materiais* pelas quais paisagens, corpos e textos se combinam e produzem imaginários: imaginários que são excessivos em relação àquelas materialidades e contudo não podem ser entendidos sem referência a elas.

Tal perspectiva é obtida através de uma mobilização do conceito de imaginação corporificada, que, argumentamos, permite uma consideração da materialidade do encontro corporificado com a paisagem: a forma pela qual o encontro em si participa da produção da experiência. Essa abordagem também se afasta primeiramente de uma análise ideológica nascida da pressuposição de que sob o véu da representação há uma “verdade” que pode ser descoberta, e num segundo momento, de um enfoque sobre o texto isolado que constrói corpos como receptáculos para a internalização ou performance de formas discursivas. Em outras palavras, nossa abordagem reconhece o papel da prática e da experiência na produção contínua de modos culturais de relacionamento com o mundo, e da imbricação entre o material e o social.

Uma abordagem assim mais “carnal” para as geografias imaginativas pode fornecer uma contribuição útil ao entendimento da relação entre corpos, paisagem e lugar. Aqui, as imediatidades da experiência corporificada são consideradas como *ocorrendo através*, ao invés de *a despeito de* regimes de representação e poder e tecnologias de subjetivação. Neste sentido, a experiência sempre existe no reino do social e a experiência corporificada figura como algo sempre já social. Ao argumentar desta maneira, sugerimos que a imaginação corporificada deve ser considerada como uma maneira central pela qual representações particulares do mundo alcançam sua potência. O corpo está necessariamente imbricado no processo de produção da experiência, e a capacidade dos corpos de imaginar é central para tanto.

Desse modo, o conceito de imaginação corporificada é um meio útil de se envolver com os processos através dos quais a experiência é estruturada por meio das tecnologias e práticas da vida cotidiana. A análise a seguir pode informar uma abordagem mais materialmente orientada para a pesquisa cultural; textos coletados de entrevistas e outras fontes são posicionados de maneira a comunicar

algo da plenitude da experiência da paisagem, e podem dar pistas de como o corpo e o mundo interagem. Como tais, as experiências são analisadas a partir de uma perspectiva que as repensa como a produção daqueles modos de relação e imaginação que são parte da força contínua da experiência. Certas práticas de conexão invocam e interagem materialmente com paisagens imaginárias, levando a modos específicos de experiência sentida que são entendidos pelos sujeitos como se sentindo “conectados”, “autênticos”, “mais reais” e assim por diante. Nas entrevistas, estes foram os tipos de frases utilizadas pelos participantes para descrever como se sentiam quando faziam determinadas atividades, como trilha, nado e colheita de comida silvestre.

Um enfoque sobre as práticas como produtoras de paisagens imaginárias particulares enseja uma consideração sobre como esses imaginários atuam sobre corpos e adquirem forma material, produzindo certos tipos de envolvimento e obstruindo outros, formando conexões e disjunções entre corpos e oferecendo campos de experiências que são sentidos de diversas maneiras por diferentes sujeitos. Na perspectiva aqui desenvolvida, corpos performam, reiteram, respondem a, e penetram em imaginários, e reconstituem estes últimos através dessas práticas. Paisagens imaginárias são então reconfiguradas em termos de relações materiais entre corpos e lugares, referindo-se à maneira como a ideia de um lugar é produzida por meio de uma combinação de textos, práticas, memórias e ideias recebidas. Essas ideias são processadas pelo corpo, através do que chamamos de “imaginação corporificada” (DAWNEY, 2011b). Noutra parte, argumentamos que esta perspectiva materialista, corporificada da imaginação é essencial para entender a experiência de lugar e de paisagem, e em particular como algumas paisagens podem invocar poderosos sentimentos de pertencimento, conexão, desafeto e assim por diante (DAWNEY, 2011a; 2011b). Na medida em que os imaginários são corporificados, eles operam ao nível do afeto - eles operam algo nos corpos ao mesmo tempo em que transmitem sentido cultural<sup>5</sup>. Sua realidade vivida, sentida, e a “naturalidade” crua desses sentimentos contribuem para a performatividade em andamento dos discursos em que eles se baseiam. Esses imaginários são assim mediados pelas propriedades afetivas dos corpos.

Este é um projeto de desconstrução da experiência vivida, de mantê-la aberta à análise a fim de entender plenamente os processos pelos quais ela

---

<sup>5</sup> O termo “afeto” refere-se aqui ao seu uso em Spinoza e no escrito de Deleuze sobre Spinoza. Para maiores detalhes, ver Deleuze, 1988 e 1997 (p. 21-36) e Spinoza, 1996.

emerge como realidade sentida. A historicidade dos corpos é essencial a estes entendimentos e práticas - estes últimos têm ressonância com certos corpos e não com outros, e isto se deve a histórias de vida e histórias diferentes. De acordo com Spinoza, a imaginação trabalha para fazer associações entre o estado corporal atual (ou experiência) e outros corpos, similares, e com uma história de experiências similares como se tivessem previamente inscrito o corpo. Isto significa que associações imaginárias com lugares são sempre baseadas na história de encontros prévios, como Spinoza esclarece em *Ética*:

[...] um soldado, tendo visto pegadas de um cavalo na areia, passará imediatamente do pensamento de um cavalo para o pensamento de um cavaleiro, e deste para o pensamento de uma guerra etc. Por sua vez, um agricultor passará do pensamento de um cavalo para o pensamento de um arado, e daí para o pensamento de um campo etc. E assim cada qual, consoante aquilo com o que está habituado a associar as imagens *de* coisas desta ou daquela maneira, passará de um pensamento a outro. (SPINOZA, 1996, p. 47)

As relações históricas e políticas que produzem nossas diferentes posições no mundo, então, conduzem a diferentes experiências do mundo através do efeito daquelas conexões associativas que nossas imaginações fazem. Isto nos leva a considerar como experiências particulares, tais como pertencimento e conexão, são moduladas por estruturas macropolíticas, como classe, gênero, nação e regionalidade, e os regimes discursivos a eles associados podem dar origem à sua existência como algo vivido e sentido. Esta experiência sentida, corporificada destes elementos, soma-se ao poder destes últimos, uma vez que ela trabalha para omitir sua contingência e fazer-nos senti-los como “naturais”.

Imaginários podem assim ser concebidos em termos de imagens nebulosas, sobrepostas, memórias lembradas, associações e traços que emergem e colorem nossa experiência corporificada do mundo. O entendimento de Giorgio Agamben de constelações de ideias ecoa este raciocínio, no qual as constelações são consideradas como justaposições repetidas que servem para acrescentar peso às associações que compõem o imaginário (AGAMBEN, 1993). Isso também lembra o trabalho de Walter Benjamin sobre a dialética em sua discussão da imagem em termos “daquilo no qual o que tem sido vem junto em um *flash* com o agora para formar uma constelação” (BENJAMIN, 1999, p. 463). Assim, imaginários podem ser concebidos em termos de constelações de ideias que operam

sobre e através do corpo, e são sociais na medida em que são compartilhados, e são ainda amplamente comunicáveis. Porque corpos similares imaginam objetos de maneiras semelhantes (embora a *forma* como o objeto é imaginado seja inteiramente específica ao corpo individual, dada a sua singularidade), similaridades e imaginários padronizados são evidentes e refletem diferentes práticas institucionais. Portanto, o que poderíamos considerar a socialidade da imaginação e a possibilidade do imaginário social é um tipo de composto, uma sobreposição de diferentes imaginações, e baseia-se nas histórias compartilhadas de corpos semelhantes.

A discussão da antropóloga Kathleen Stewart sobre a regionalidade pode ajudar a elucidar como as constelações produzem lugares imaginários. Ela escreve sobre a ideia do estado estadunidense de Vermont como um lugar e uma paisagem particulares como constituídos através de

[...] um mapeamento potencial de qualidades disparates e incomensuráveis que não são apenas “interpostas”, mas também se relacionam de forma complexa, diferencial e através de repetição abrupta e não através de cercos de identidade, similaridade ou sentido, ou ainda da lógica do código. Vermont são as cores do outono, o tradicional xarope melado, brochuras de turistas, calendários, neve, as histórias do país, liberalismo, mas também a luta em torno do casamento gay; homogeneidade racial, mas também casais de lésbicas brancas com bebês de cor em todos os lugares; o influxo da riqueza de Nova Iorque transgredindo aquele visual de montanhas retumbantes e celeiros vermelhos, mas também o legado da indústria de laticínios inscrito na paisagem e nas leis de propriedade; e as idiossincrasias, esquisitice, melancolia e violência da vida em pequenas comunidades neste tempo e lugar. (STEWART, 2007, p. 30)

Aqui, a ideia de Vermont opera como um momento - um evento, um “substituto sensorial” que irrompe e “encontra-se por acaso em algo”. Trata-se de um momento de encontro no qual “coisas disparatadas se reúnem de forma diferencial em cada instância, e, no entanto, a própria repetição deixa um resíduo como um traço ou um hábito - a formação de um clichê vivo” (STEWART, 2007, p. 30). Logo, para Stewart, as inscrições repetidas de certas experiências e associações sobre corpos levaram à atual produção de lugares imaginários, e cada encontro reforça e altera o imaginário. Imaginários podem assim ser entendidos como constelações, produzidos por e através de corpos em encontros repetidos com



textos, imagens, sonhos, lugares e outros corpos que se constelam na imaginação. Isso significa que um entendimento do modo pelo qual a prática produz certos tipos de experiência requer uma consideração das histórias dos corpos e do modo como essas histórias de experiências corporais anteriores *se constelam* no momento do encontro.

O que Stewart não articula, entretanto, é como estes encontros podem tomar a forma de práticas corporificadas, e são estas práticas que são constitutivas de paisagens imaginárias. O simples ato de contemplar uma vista, fazer uma trilha ou comer pode fomentar associações, da mesma forma que escalar uma montanha, ler um poema. A visão romântica corporificada do olhar do turista representa constelações de associações e um excesso semântico que os embebe como um resíduo no corpo. A ideia de Vermont é concebida a partir de encontros corporais repetidos com textos, imagens, sonhos, lugares e corpos que se constelam na imaginação, e emerge através dessas práticas.

Nessa pesquisa etnográfica percebemos o quanto pertencimentos e deslocamentos profundamente sentidos são produzidos por meio de conjunções específicas de histórias de encontros afetivos com lugares, corpos, textos e práticas. Ao focar no modo como imaginários de conexão exercem um papel importante nos espaços de trilha litorânea no sudoeste da Inglaterra demonstramos como esses espaços são produzidos por corpos em conjunção com as histórias daqueles corpos e com outras materialidades, descritas em termos dos afetos que aquelas materialidades exercem sobre corpos. Lugares são produzidos através dessas configurações afetivas e discursivas, as quais são envoltas em sentido por meio da capacidade de imaginar e conectar ideias. Argumentamos nessa pesquisa que sentimentos de pertencimento, de propriedade e de disjunção podem ressoar através de corpos como um resultado dessas configurações, que compreendem e exemplificam a história. Em particular, estes sentimentos são considerados em termos da performance e do sentimento da ideia de nação, e da articulação discursiva da terra e da identidade que emerge como um efeito de encontros afetivos e é consequentemente ocultada por aqueles encontros<sup>6</sup>. Formas particulares de estar na natureza e de representar a região campestre são produzidas por meio de textos e práticas e por meio destes são ligadas a sensibilidades e alegorias nacionais e de

---

<sup>6</sup> O termo “ocultar” aqui não se refere à existência de uma verdade final que subjaz a realidade, como na crítica da ideologia; ao contrário, refere-se à ideia de que esses encontros “parecem naturais”. A política do encontro não ocupa necessariamente o primeiro plano nem é explicitamente sentida como tal.

classe. Como tais, estas formas produzem não apenas um senso de conexão com um lugar, mas também um senso tal de conexão que é modulado por uma fusão de país/campo através da qual ocorrem articulações específicas de nação, classe e território (WILLIAMS, 1973). A seguir, discutimos dois exemplos de como esses imaginários se fazem conhecidos e sentidos por meio de práticas corporificadas, e também como essas práticas contribuem, por sua vez, para a construção desses imaginários.

## Undercliff

Em nosso exemplo, seis participantes (um grupo de amigos e um cachorro) caminharam entre Branscombe e Beer ao longo de um trecho conhecido como Undercliff, que é famoso pela vista e por sua vegetação subtropical. Nós caminhamos, conversamos e colhemos os alimentos silvestres do entorno. Tais práticas, ainda que pouco notáveis, foram significativas em termos da maneira como o grupo se envolveu com a paisagem, e como esse envolvimento estava envolto na produção da identidade sentida através de várias associações textuais e outros tipos de associação que situam essa paisagem em termos de uma articulação específica entre natureza e a identidade nacional inglesa.

O Undercliff, em Dorset, estende-se ao longo da Costa Jurássica. Trata-se de um trecho que passa por uma área de deslizamento celebrada por sua vegetação suculenta, e é uma parte bem visitada da costa sudoeste. Os participantes conversaram bastante sobre a busca e colheita de alimentos silvestres, uma das “práticas conectivas” para a qual chamamos atenção no início do artigo. Enquanto avançávamos, o grupo articulou um desejo de aprender mais sobre os conhecimentos populares do mundo rural inglês, e também de *incorporar* esses conhecimentos por meio da experiência de comer algumas das plantas que identificávamos ao longo do caminho. Os tipos de conhecimento que contribuíram para os imaginários do eu e da natureza que alimentaram este desejo foram reunidos a partir de vários eventos histórico-biográficos, tais como ter crescido no meio rural, realizar trilhas com amigos, manuais, o estudo de plantas nativas, atividades da infância, como ter sido membro de vários clubes, assistir a canais de TV sobre alimentos silvestres (como o programa *River Cottage* do Channel 4), de famílias e amigos e outros eventos incontáveis dos quais nossos corpos haviam participado.

Central à maneira pela qual paisagens imaginárias emergiram por meio de nossa prática e conversação naquele dia foram a produção e comunicação de tipos particulares de conhecimento. Um participante, Stephen, sabia todos os nomes das plantas em latim e todos nós tentamos aprendê-los, e compartilhamos nossos conhecimentos sobre vida rupestre e flores selvagens enquanto caminhávamos. Através dos pontos de similaridade em nossas próprias experiências, o grupo foi capaz de realizar um interesse compartilhado em, e disposições com relação a, trilhas acampamentos e “estar na natureza”. Ao realizar estes interesses compartilhados, nós todos estávamos envolvidos na produção contínua de paisagens imaginárias particulares acerca de “corpos naturais” e de estar e conhecer o mundo rural inglês, que é alimentado por, e retroalimenta, um conjunto de textos, tecnologias e práticas que contribuem para esse imaginário. Em particular, certos textos pareceram importantes ao grupo ao articularem esse sentimento de “conexão natural”, esse senso de pertencimento a um território, incluindo *Flora Britannica* e *Food for Free*, de Richard Mabey (1996 e 2007), na medida em que eles nos introduziram a, e renovaram nosso interesse pelas histórias de nomes populares e os usos de plantas particulares.

Os participantes discutiram o que as pessoas costumavam fazer com certas plantas. Também falamos sobre as origens de nomes populares de plantas. Essas discussões sinalizam para um desejo particular de se conectar, tanto com um ancestral imaginário passado, quanto com a terra que atesta aquele passado através da presença dessas plantas. Portanto, discursos sobre *sangue* e *solo* estão sendo articulados através da prática de caminhar e procurar alimentos silvestres, embora de forma oblíqua. Ao nomear, encontrar e comer essas plantas, e ao fazer isso em nome de práticas passadas “perdidas”, estávamos articulando um desejo seja por conexão ou seja pela descoberta do que é percebido como “perdido” através da produção melancólica e discursiva da modernidade como aquilo que destrói um modo mais “autêntico” de ser no mundo. Através de nossas interações fomos capazes de produzir um tipo de harmonização afetiva ou disposição pelas quais estes imaginários poderiam controlar nossos corpos. Uma articulação particular do senso de identidade inglesa também estava sendo gestada, a qual celebrava a história radical da terra como “nossa terra”. Por meio da discussão sobre conhecimento tradicional e práticas de estar na natureza o grupo articulou e realizou coletivamente um certo tipo de nativismo. Conforme já discutido,

paisagens imaginárias estão intimamente alinhadas com ideias de nação e natureza (MATLESS, 1998). A maneira marcadamente nacional pelas quais estas culturas populares são articuladas e se escreve sobre elas (por exemplo, em *Flora Britannica*), assegura que esses encontros sejam modulados por um senso de nação que é mais ligado ao território e ao solo, a paisagens imaginárias e conexão a um lugar do que a soberania, mas que apesar disso contribuem para esta última.

A transcrição abaixo demonstra como paisagens imaginárias específicas são evocadas e contestadas no curso de nosso diálogo - a forma como diferentes corpos penetram em imaginários sobre várias formas corretas de “estar na natureza” e de adquirir algum tipo de senso de autenticidade através daquela prática corporificada. Trata-se de práticas que emergem talvez de um senso de que “estar na natureza” é algo que nenhum de nós faz por necessidade econômica, mas como atividade de turismo/lazer/hobby. Esses diferentes imaginários se justapõem a, e se baseiam em um senso compartilhado de um lugar e de como “estar” naquele lugar, que é baseado em distinção, envolvimento, e a entrada em afetos positivos adquiridos pelo conhecimento, participação, estímulo sensorial e a interpelação de posições de sujeito particulares na performance desses imaginários.

*Transcrição Dorset: Yas (Y), Juzer (JU), Leila (L), Jo (JO)*

*JU: Eu estou falando para vocês sobre onde nós andamos, porque eu sinto que eu terei um entendimento mais (...) rico sobre a trilha e sobre onde estive ao saber exatamente onde estou no país, porque eu estou no litoral. Mas, isto não deveria aumentar minha satisfação, na verdade: a trilha deveria ser agradável pela beleza e pelo cenário que está ao meu redor.*

*L: Mas eu pensei que você estivesse dizendo antes que o conhecimento de fato enriquece a sensação de satisfação de alguma forma.*

*JO: Conhecimento de pássaros e plantas aumenta a sensação de satisfação, mas não necessariamente o conhecimento exato da rota. Ser capaz de (...) aprender sobre as coisas faz você percebê-las e conhecê-las de antemão.*

*JU: Bem, eu tenho tido discussões com as pessoas sobre arte, por exemplo, e tenho dito que saber sobre história da arte e sobre o que a pintura significa aumenta sua apreciação da arte, mas a arte não deveria ser isso, porque isso transforma a arte em literatura, e não é por isso que eu vejo arte. O mesmo acontece com música. Se alguém diz que você não pode apreciar*

*os compositores modernos clássicos porque eles têm aquelas notas e aquelas melodias muito estranhas... Eu não entendo do assunto, mas eu não acho que eu precise entender algo para poder apreciar. E em relação a paisagem?*

*Y: Eu acho que antes de a gente vir pelo menos duas pessoas em Devon recomendaram a parte de Dorset da costa - o homem do centro de informação turística e aquele homem no bar. E eles se referiram a esta parte como sendo a melhor da costa. O lugar é Patrimônio da Humanidade, então você vem aqui com uma certa expectativa, e assim, se as pessoas lhe dizem isso então é uma parte específica da costa de Dorset que você queria conhecer ... Eu vi essa coisa lá sobre a qual todo mundo tá falando? Não, não a parte leste. A parte ocidental, esta é a parte que eu quero ver... A parte leste é lixo (risada). É o que as pessoas do bar disseram...*

*Você vem aqui com todas aquelas expectativas, e quando você vê você pensa "Oh, é maravilhoso. Porque lhe disseram que seria maravilhoso e (...) é maravilhoso (...) mas você também sabe que deveria ser assim, então é muito estranho. Como funciona isso?"*

*JU: Eu acho que em algum momento teria sido melhor ter sido vendada e deixada aqui e não saber onde eu estava.*

*Y: Exato.*

*JO: É como (...) É como eu uso mapas. Geralmente eu uso mapas mais para ver por onde eu passei.*

Nessa transcrição, os participantes discutem os vários méritos de conhecer o mundo através da imediaticidade da sensação corporificada ou de conhecimentos tabulados por manuais. Discute-se a forma pela qual sua relação afetiva com o lugar é mediada por expectativas que ocorrem através de interações passadas com outras pessoas, com quem presumem partilhar paisagens imaginárias similares. Os participantes estão atormentados entre o prazer que advém de saber o nome das coisas e o prazer imaginado da "experiência pura" - de estar em algum lugar sem a violência de nomeá-lo como algo - ou de algum lugar. Entretanto, em última instância o que se está perseguindo são afetos positivos particulares por meio do envolvimento com certas paisagens, textos e imaginários e deixar essas coisas mexerem com seus corpos.

Durante a trilha, o grupo colheu comida silvestre e alho de mostarda e colocou em nossos sanduíches de queijo. Os afetos positivos de se estar no alto de uma montanha em um dia de junho com amigos após algum esforço

físico, e então encontrar algo delicioso, algo que era “daquele lugar” e ser capaz primeiro de reconhecer isso, segundo, de colocá-lo em um sanduíche, por fim, relaciona-se a sentimentos de pertencimento e de nação. Estas são práticas que orientam corpos na direção da experiência de algum tipo de associação com a “natureza”, e se baseiam em maneiras específicas de se relacionar com a paisagem inglesa que são extraídas de um desejo de ser *parte de algo*. A ideia de “natureza” como aquilo que está em oposição à cultura, como aquilo que evoca um estado de existência anterior à cultura, é mobilizada aqui como nas várias técnicas do *eu* através das quais estes sentimentos conectivos e subjetivos são produzidos. A imaginação do *eu* como participando em práticas de associação, e a localização do corpo nesses imaginários dá origem assim a sensações que são sentidas como reais. A corporificação real da paisagem pelo ato de comê-la - um ato sacramental de comunhão - engendra afetos positivos precisamente porque alimenta e se baseia em incontáveis imaginários românticos sobre ser parte de um lugar e conhecer um lugar. Essas práticas afetam porque são fundadas em histórias e representações, e porque se baseiam em uma produção ativa do eu.

## Conclusão

Ao pensar sobre paisagens imaginárias através de um enfoque sobre as práticas pelas quais os corpos interagem com a paisagem, dedicamos atenção à maneira como conexões com lugares emergem por meio de encontros corporificados e de histórias de outros encontros corporificados. Esses encontros são dotados de sentido através de associações estabelecidas pelas capacidades imaginativas dos corpos com encontros e práticas anteriores, com outros corpos e com textos culturais. Práticas que proporcionam sensações prazerosas, como natação, apreciação de flores, estabelecem associações com outras memórias agradáveis de lugares e sensações similares. Os corpos respondem de acordo com o modo como eles entendem a si próprios no contexto desses imaginários, e assim contribuem para a sua produção contínua. Memórias de livros e filmes disputam atenção com outras memórias, e ideias se ligam a outras ideias por meio de associações longas.

Os vínculos associativos podem servir para sedimentar esses imaginários e o sentido de pertencimento através *de* e *entre* corpos. Através do conceito de imaginação corporificada nós podemos entender como nossas respostas sentidas,

afetivas a lugares e práticas estão intimamente ligadas às histórias dos corpos: não somente aos corpos imediatamente envolvidos, mas também outros corpos cujas histórias são alimentadas no momento do encontro. Por meio de memória e associação, de noções inconscientes ou vagamente conscientes de como se comportar, sentimentos de pertencimento, de conexão com a natureza e com a paisagem e a nação se sedimentam. Aqui, a lógica estruturante da nação, particularmente através de ideias de natividade e território, aderiu a práticas particulares, que as habilitam a ressoar *em* e *por meio* destas práticas. Ao sentir a conexão com a paisagem associada a esta versão “nova pastoral” da nação, os participantes estão contribuindo com, e experienciando, a operação de discursos e práticas particulares, na medida em que se tornam associadas com modos de ser no mundo que estão sempre imbricados com relações de poder.

Aqui também está em jogo uma preocupação com a autenticidade como uma sensibilidade antimoderna. A ideia de uma conexão autêntica com a natureza exerce um papel importante no ressurgimento de práticas de conexão com a natureza discutidas ao longo do artigo. A experiência da modernidade é constitutiva da ansiedade acerca de uma “falta de conexão” (cf. BATE, 2001), e são possivelmente esses fatores materiais e imaginados que contribuem para o desejo por práticas conectivas no tempo livre. As culturas intertextuais da natureza que chamamos de “nova pastoral” respondem a um desejo de participar em várias práticas de natureza que possam ser acompanhadas de interesses por outras tradições do folclore britânico. Neste caso, os interesses do grupo claramente refletiam essas preocupações: um membro do grupo fez barcos de pesca leves com armação de vime (um bote oval tradicional feito de madeira de salgueiro), alguns gostavam de *folk music*, e outros estavam interessados em política ambiental, todos estes interesses ressoam através de modos particulares de conhecer a terra e o lugar. Estes corpos foram produzidos por meio *da* e envolvidos *na* produção de imaginários folclóricos nacionais particulares que representavam um interesse compartilhado e uma felicidade com o que eles estavam fazendo, e certamente estavam participando em atividades de lazer que são alimentadas por e contribuíam com esses imaginários.

Assim, estes exemplos mundanos dizem do modo como formações políticas vivem *nas* e através das práticas corporificadas por meio das quais nos relacionamos com o mundo. Nossos mundos sensíveis materializam tais ideias e

formações, literalmente “fundamentando-as” em envolvimento materiais com o lugar. A natureza e a nação são articuladas através destas práticas e envolvimento, e é aqui que um senso de natividade e conexão emerge.

Neste artigo, dedicamos atenção a práticas, coletivas e individuais, que ligam corpos a formações políticas, e também ao papel dos afetos neste processo. Se prestarmos atenção às maneiras como os corpos se relacionam nos lugares, podemos fornecer um modo de acesso aos vários modos pelos quais aqueles sentimentos e sensações se relacionam com matrizes maiores, tais como aquelas de natureza e nação. Precisamos olhar além das representações textuais das paisagens, na direção das práticas de corpos nas paisagens para considerar o modo como a prática contribui para e representa essas políticas de lugar e espaço. Este artigo demonstrou como práticas relacionadas a paisagens - neste caso, trilhas litorâneas - são produtoras de e se baseiam em imaginários que dão forma a relações sociais e corpos, e contribuem para discursos macropolíticos como aqueles que produzem relações de natureza e de nação. Através da interrogação da experiência destas práticas utilizando o conceito de um imaginário conectivo, e através da reflexão sobre as associações feitas pelos participantes em sua interpretação da experiência, também demonstramos como sentimentos culturalmente compreendidos emergem através de envolvimento corporais com as paisagens, e contribuem para o poder dos discursos aos quais eles aderem.

Ao adotar essa abordagem, podemos desconstruir entendimentos culturais e experiências vividas de autenticidade e conexão, e demonstrar as condições de sua emergência e de sua contingência histórica. Sua produção através da associação prática e imaginativa revela que elas não são ontológicas, embora sejam frequentemente articuladas como tal. Associações imaginárias, assim como vínculos fortemente sentidos de sangue e solo não se situam fora da história; ao contrário, eles são produzidos por envolvimento corporificados específicos com espaços ligados a regimes de natureza e nacionalidade. Práticas que são vividas e sentidas fazem estes sentimentos de pertença acontecerem e se tornarem algo. Elas criam subjetividades e se fincam nelas, dando origem à experiência vivida, corporificada da conexão a paisagens culturais.



## Referências

AGAMBEN, G. (1993) **Stanzas: The word and the phantasm in western culture**. Minneapolis: University of Minnesota Press.

BENJAMIN, W. (1999) **The arcades project**. London: Belknap Press.

BOURDIEU, P. (1984) **Distinction**. London: Routledge and Kegan Paul.

DAWNEY, L. (2011a) **The embodied imagination: Affect, bodies, experience**. Unpublished PhD Thesis, University of Exeter, United Kingdom.

\_\_\_\_\_. (2011b) 'Social imaginaries and therapeutic self-work: The ethics of walking as embodied imagination', **Sociological Review** Vol. 59, No. 3: pp. 535–552.

\_\_\_\_\_. (2011c) 'The motor of being: a response to Steve Pile's 'Emotions and Affect in Recent Human Geography''. **Transactions of the Institute of British Geographers** Vol. 36, No. 4: pp. 599–602.

\_\_\_\_\_. (2013) 'The interruption: investigating subjectivation and affect'. **Environment and Planning D: Society and Space** Vol 31.

DELEUZE, G. (1988) **Spinoza: Practical philosophy**. San Francisco: City Lights Books.

\_\_\_\_\_. (1997) 'Spinoza and the three "ethics"', in W. Montag and T. Stolze (eds) **The new Spinoza**. Minneapolis: University of Minnesota Press, pp. 21–36.

FOUCAULT, M. (1979) **Discipline and Punish**. New York: Vintage.

\_\_\_\_\_. (1982) 'The subject and power', **Critical Inquiry** Vol. 8, No. 4: pp. 777–789.

\_\_\_\_\_. (1984) 'Truth and power', in P. Rabinow (ed) **The Foucault reader**. New York: Pantheon, pp. 51–75.

GREGORY, D. (1995b) 'Imaginative geographies', **Progress in Human Geography** Vol. 19, No. 4: pp. 447–485.

\_\_\_\_\_. (1995a) 'Between the book and the lamp: Imaginative geographies of Egypt, 1849–50', **Transactions of the Institute of British Geographers** Vol. 20, No. 1: pp.29–57.

KITCHIN, R. and KNEALE, J. (2001) 'Science fiction or future fact? Exploring imaginative geographies of the new millennium', **Progress in Human Geography** Vol. 25, No. 1: pp. 19–35.

- MABEY, R. (1996) **Flora Britannica**. London: Sinclair-Stevenson.
- MABEY, R. (2007) **Food for free**. London: Harper Collins Publishers.
- MACFARLANE, R. (2008) 'Introduction', in K. Rew (ed) **Wild swim**. London: Guardian Books.
- MATLESS, D. (1998) **Landscape and Englishness**. London: Reaktion.
- RIDANPÄÄ, J. (2007) 'Laughing at Northernness: Postcolonialism and metafictional irony in the imaginative geography', **Social and Cultural Geography** Vol. 8, No. 6: pp. 907–928.
- SAID, E. (1978) **Orientalism**. London: Routledge and Kegan Paul.
- SALDANHA, A. (2006) 'Reontologising race: The machinic geography of phenotype', **Environment and Planning D: Society and Space** Vol. 24, No. 1: pp. 9–24.
- SCHWARTZ, J. M. (1996) 'The geography lesson: Photographs and the construction of imaginative geographies', **Journal of Historical Geography** Vol. 22, No. 1: pp. 16–5.
- SPINOZA, B. (1996) **Ethics**. London: Penguin.
- STEWART, K. (2007) **Ordinary affects**. Durham: Duke University Press.
- TAVARES, D. and BROSSEAU, M. (2006) 'The representation of Mongolia in contemporary travel writing: Imaginative geographies of a travellers' frontier', **Social and Cultural Geography** Vol. 7, No. 2: pp. 299–317.
- VALVERDE, M. (1998) **Diseases of the will: Alcohol and the dilemmas of freedom**. Cambridge: Cambridge University Press.
- WILLIAMS, R. (1973) **The country and the city**. London: Chatto and Windus.